



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS - UNIFEOB**

Helena Beatriz de Matos Amorim	(22001613)
Giovanna Vitória Oliveira dos Santos	(22001258)
Kamilyly Cristina Candido Manoel Mariano	(22000613)
Kailane Roberta da Silva de Souza	(22001616)
Patricia Fradique	(22000059)

**PSICOLOGIA CLÍNICA NO CONTEXTO ATUAL: ADVERSIDADES
ENFRENTADAS POR PROFISSIONAIS DA ÁREA.**

**São João da Boa Vista - SP
2022**

RESUMO: Este projeto, teve em vista analisar e abordar as adversidades contemporâneas enfrentadas por psicólogos, no que tange à área clínica, dando ênfase aos métodos utilizados por tais para a prevenção das mesmas. Em relação aos meios de busca, foram debatidos os seguintes pontos: psicologia clínica contemporânea, bem-estar psicológico e pandemia. Realizou-se, também, três entrevistas com profissionais da área que salientam os pontos discutidos. As adversidades visam apresentar a situação do recém formado ao ingressar nesta área, visto que a má remuneração no início da profissão se torna um fator negativo, trazendo insatisfação ao mesmo. Abordou-se, também, os problemas enfrentados por psicólogos clínicos diante do cenário da pandemia da Covid-19, pois houve um aumento significativo nos transtornos psicológicos, afetando grande parte da população, fazendo com que o profissional modificasse seu ambiente de trabalho ao efetuar atendimentos via online. Concluiu-se que o psicólogo clínico deve saber manejar toda e qualquer situação, que seja vista como um problema, desenvolvendo uma série de habilidades para lidar com esses obstáculos e estar sujeito a alterações em seus recursos de trabalho, mantendo a ética e visando sempre pelo bem-estar do paciente.

Palavras-chave: Psicologia clínica contemporânea, Clínica, Bem-estar psicológico, Pandemia.

I. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O presente artigo abordará a questão da psicologia clínica na contemporaneidade, sua origem, evolução e seus métodos, por meio de análises em variados artigos científicos.

A princípio, o termo “psicologia clínica” foi utilizado pela primeira vez no final do século XIX, pelo psicólogo estadunidense Lightner Witmer, neste período eram praticados procedimentos diagnósticos em clínicas médicas com crianças que apresentavam alguma deficiência física ou mental.

Sendo assim, para discorrermos sobre o assunto de forma aprofundada é necessário compreendermos o significado da palavra “clínica”. Doron e Parot (1998) a definem da seguinte forma: “(...) *originariamente, a atividade clínica (do grego klinê - leito) é a do médico que, à cabeceira do doente, examina as manifestações da doença para fazer um diagnóstico, um prognóstico e prescrever um tratamento*” (1998 *apud* MOREIRA, 2008, p.3).

O termo remete ao psicólogo clínico o fato de ser aquele que “cuida”, pois muitas pessoas procuram a clínica em busca de solucionar seus problemas e

angústias. De fato, é o que se espera da pessoa que inicia um tratamento através da psicoterapia, mas é importante ressaltarmos que esse procedimento excede a apenas esse conceito estabelecido, pois o profissional atuante desta área tem diversos papéis.

Em vista disso, o mesmo auxilia seus pacientes conforme com as contrariedades que lhe são apresentadas, assegurando um bom desenvolvimento pessoal. Ademais, esse profissional contribui, principalmente, na formação de uma saúde mental estável, uma vez que tudo se inicia através dela.

Dutra (2004) menciona que as atitudes regidas pelo psicólogo clínico se relacionam com as de um médico, tal como descreve:

[...] E, ao final, esperar uma solução rápida e eficaz, que atenda à cura do seu mal psíquico, aproximando um sofrimento que é da ordem do psicológico e do simbólico, à doença do físico, e que poderia ser tratado através da prescrição de uma medicação adequada, como o faz o médico.
(DUTRA, Elza)

Deste modo, sabe-se que há problemas de ordem psicológica que quando não são tratados corretamente podem acarretar problemas de saúde físicos, são as chamadas doenças psicossomáticas. Diante disso, o trabalho realizado pelo psicólogo clínico pode ser nivelado ao do médico, pois suas respectivas funções apresentam semelhanças.

Se tratando de psicologia clínica, no contexto atual, temos como uma das principais problemáticas a desvalorização das atividades exercidas pelos profissionais atuantes deste ramo, visto que não são reconhecidos adequadamente no início da profissão. Após o término da graduação, ao se inserir no mercado de trabalho, o psicólogo que atuará na clínica passa por um período de adaptação até se estabilizar completamente e, muitas vezes, a baixa remuneração se torna um fator negativo, trazendo insatisfação ao mesmo.

Dentre os problemas contemporâneos encontrados na clínica temos também a pandemia, causada pelo vírus SARS-CoV-2, onde o medo se fez presente na maior parte da população, fazendo com que o índice de transtornos psicológicos aumentasse demasiadamente. Diante desse contexto, o psicólogo clínico teve que se empenhar e se desdobrar para lidar com essas circunstâncias, fazendo atendimentos de forma remota.

Sobre as perspectivas de Moreira et al. (2007) observamos o seguinte conceito:

“No saber médico que sustenta a prática médica, é impossível diagnosticar sem antes descrever os sintomas/sinais e conhecer os antecedentes da enfermidade. Do mesmo modo, não é possível fazer um prognóstico sem antes obter um diagnóstico.”
(MOREIRA et al.)

Através dessa concepção, vemos como a prática médica de Hipócrates e o método usado na clínica coexistem entre si, justamente por analisar o que é sentido antes de ser diagnosticado.

Com a evolução desse pensamento a psicologia trabalha em considerar a melhora na evolução das mudanças ocorridas nos saberes e fazeres do psicólogo clínico. Analisa-se principalmente a relação dos indivíduos com o meio social e grupos sociais, bem como a realidade socioeconômica, educacional, de gênero ou racial, e para isso são utilizadas abordagens e técnicas para o tratamento de diversos transtornos psicológicos.

Rangé (2007) afirma que os métodos utilizados atualmente no âmbito clínico são: reestruturação cognitiva, cognitivo-comportamental e construtivistas. Eles são definidos da seguinte forma:

O tratamento de reestruturação cognitiva, tem como maior objetivo ressignificar os pensamentos para que se construa crenças saudáveis e que se alinhem com a realidade do indivíduo:

Os modelos de reestruturação cognitiva identificam-se com as primeiras terapias cognitivas representadas por Beck et al. (1982) e Ellis (1997) e foram desenvolvidos por teóricos de treinamento psicodinâmico, os quais tendiam a destacar o papel do significado, defendendo que o que uma pessoa pensa ou diz não é tão importante quanto o que esta acredita. A tarefa consiste em desenvolver estratégias para examinar a racionalidade ou validade das crenças. Orientada para o problema, busca modificar as atividades defeituosas do processamento da informação características do transtorno psicológico (Caro Gabalda, 1997). (p.5)

Já o modelo cognitivo-comportamental, é uma abordagem da psicoterapia que é baseada no modelo de Behaviorismo radical, interpretando a forma como os acontecimentos do nosso cotidiano nos afeta diretamente, buscando encontrar a verdadeira raiz dos nossos traumas.

Os modelos cognitivo-comportamentais têm origem mais clara nas terapias comportamentais, que incluem as estratégias de solução de problemas. Foram desenvolvidos por teóricos com treinamento comportamental, tais como Meichenbaum (1997), Barlow (Barlow & Cerny, 1999), Linehan (1993), entre outros, os quais conceituam o pensamento de forma mais concreta, ou seja, como um conjunto de auto enunciados encobertos que também podem ser influenciados pelas mesmas leis do condicionamento. Sua tarefa consiste em ensinar habilidades cognitivas específicas (Hollon & Beck, 1994, citado por Caro Gabalda, 1997, p.5)

E por fim, os modelos da psicoterapia construtivista que se denominam quando a forma de abordagem traz voz aos nossos sentimentos, e pensamentos disfuncionais, fazendo com que o paciente reflita sobre isso e desenvolva uma consciência emocional, para que ele não fique preso as coisas ruins que acontecem a ele, mas aprenda a viver com isso, e logo após haja uma facilidade maior em lidar com qualquer tipo de situação que venha a ocorrer em sua vida, seja boa ou ruim.

Os modelos construtivistas, representados por Guidano & Liotti (1983), Mahoney (1998), e Neimeyer (1997), partem do pressuposto de que os seres humanos são participantes proativos (e não passivos de forma reativa) em suas experiências (percepção, memória e conhecimento). Assim, o conhecimento humano é: interpessoal, evolutivo e proativo; opera em níveis tácitos; a experiência humana e o desenvolvimento pessoal refletem processos individualizados, auto-organizadores, que favorecem a manutenção dos padrões experienciais (Caro Gabalda, 1997, p.5)

Dentro do âmbito clínico, se aborda diversas situações em variados problemas e para poder lidar com esses obstáculos é necessário que o profissional tenha conhecimentos gerais, ou seja, saiba o que fazer ou falar.

Desta forma, é essencial que o mesmo tenha o estudo de diversas áreas, como por exemplo: Psicologia Social e Comunitária, Ética Profissional em Psicologia, Análise Experimental do Comportamento, Sociologia e o Pensamento Contemporâneo. Quando se sabe um pouco sobre cada assunto, encontra-se a solução desses problemas facilmente. Diante disso, dissertaremos de forma aprofundada sobre essas áreas:

A psicologia social “caminha” com a psicologia clínica, pois é necessário que o profissional que exerce a prática da psicoterapia tenha o discernimento de tudo o que ocorre na sociedade, uma vez que ela está constantemente passando por mudanças. De acordo com Lane (1985 *apud* SILVA e CORGOZINHO, 2011, p.5):

[...] a Psicologia Social estuda a relação entre o indivíduo e a sociedade, entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessários para continuidade da sociedade.

Além disso, para compreender os problemas apresentados por um paciente deve-se considerar o contexto social do qual ele está inserido. Neste sentido, é possível fazer uma correlação desta disciplina com a Sociologia, pois uma complementa a outra ao estudarem o indivíduo em sociedade.

A sociologia se ocupa basicamente de cinco elementos: a estrutura social, os grupos sociais, a família, as classes sociais e os papéis que o indivíduo ocupa em sociedade. Esses são também os grupos que a psicologia clínica tenta atuar, dentro da estrutura social incluindo os grupos sociais, a família (adulto, adolescente, criança e idoso), preocupa-se abranger todas as classes sociais e se esforça para entender os papéis que o indivíduo ocupa na sociedade.

Na clínica há diversos problemas que os pacientes apresentam para serem discutidos, metade deles está ligado diretamente com o convívio em sociedade do indivíduo. Lembrando assim, o grande pensador Émile Durkheim diz:

“A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios — sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento — que balizam a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela.”

O mesmo trouxe a ideia de que o ser humano é social, e não há como mudar isso, a sociologia faz parte de nós, do nosso ser e estar, e a família também é a maior influência da nossa socialização.

Juntamente com a Sociologia, a análise experimental do comportamento tem uma atuação similar dentro da clínica, sendo a base das abordagens utilizadas nas intervenções para o tratamento dos transtornos psicológicos, como foi citado e explicado anteriormente, são três os métodos mais utilizados: reestruturação cognitiva, cognitivo-comportamentais e construtivistas.

Isso também ocorre com a ética, visto que é dever do psicólogo aplicá-la na prática clínica, pois ela demonstra cuidado com o paciente e dá aos profissionais, com essa característica, maior credibilidade na profissão. Sob essa perspectiva, o

profissional clínico tende a seguir o Código de Ética Profissional do Psicólogo, assegurando a seu cliente que as informações ditas em uma consulta estarão seguras.

II. OBJETIVOS

A pesquisa procura trabalhar o papel da psicologia clínica na atualidade, visando entender como a mesma funciona e se desenvolve, além disso, traz também duas problemáticas, sendo elas: a desvalorização e não remuneração adequada desses profissionais e os problemas encontrados na clínica diante do contexto da pandemia.

Objetivos específicos:

- Apresentar as funções desempenhadas pelo profissional que atua na clínica.
- Retratar a situação do profissional clínico nos dias de hoje, no que tange a parte de remuneração.
- Apresentar o lado do psicólogo clínico e os problemas por ele enfrentados, em relação à pandemia da COVID-19.

III. METODOLOGIA

O presente projeto foi realizado por meio de análises em diversos artigos científicos, buscando extrair suas principais informações, bem como autoria, ano de publicação e, principalmente, a metodologia utilizada pelos mesmos, no que tange a parte da atuação do psicólogo no âmbito clínico. As buscas foram feitas em variadas bases de dados, tais como: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e Google Acadêmico. O estudo contou também com as principais palavras-chave: Psicologia clínica contemporânea, Clínica, Bem-estar psicológico e Pandemia.

Num segundo momento, foram realizadas três entrevistas com profissionais da área clínica, a primeira entrevistada tem 26 anos, atuando na área a 3 anos, tendo pós graduação em análise do comportamento aplicada ao autismo e deficiências

intelectuais, formação em terapia cognitivo comportamental; formação em desenvolvimento infantil, trabalhando com intervenções baseadas na psicologia comportamental; psicologia do desenvolvimento e terapia cognitiva comportamental, na área clínica. O público alvo são crianças com atrasos do desenvolvimento (estimulação precoce); e psicoterapia para crianças e adolescentes. A segunda é psicanalista, formada em psicologia com especialização em psicopedagogia e trabalha com a clínica há 7 anos. Por fim, a terceira atua na área há 1 ano, tendo pós graduação em análise do comportamento e mestrado em saúde e desenvolvimento.

Além disso, buscou-se analisar e absorver o máximo de conhecimento com as pesquisas e artigos, bem como as entrevistas realizadas e workshop apresentado aos estudantes e docentes auxiliares do Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos (UNIFEOB).

IV. RESULTADOS ESPERADOS

IV.I CARACTERIZAÇÃO DOS INDIVÍDUOS ENTREVISTADOS

Durante a construção deste projeto, foram realizadas três entrevistas com profissionais atuantes da área clínica, sendo uma delas efetuadas via online, através da plataforma digital “Google Meet”, outra através da plataforma “WhatsApp”, via mensagem de texto e uma presencialmente, na Fundação de Ensino Octávio Bastos (UNIFEOB).

A primeira entrevistada atua na clínica há três anos, trabalhando com o público do infantil ao adolescente. Já a segunda entrevistada é psicanalista, trabalha com a faixa etária de crianças a partir de 3 anos, porém a maioria fica entre 16 anos e 53 anos, com atuação na área há sete anos. Por fim, a terceira entrevistada atende a faixa etária de crianças e adolescentes, da classe social média para alta, utilizando a análise do comportamento para o desenvolvimento do tratamento, e possui experiência de 1 ano.

Em resumo, as três entrevistadas abordaram pontos parecidos, pois todos se relacionam, se complementando. No que se refere às informações obtidas tanto

pelas entrevistas quanto pela revisão da literatura na área, as mesmas serão apresentadas em categorias temáticas a seguir.

IV.II SUPERVISÃO DURANTE O PERÍODO DE ATENDIMENTO

O profissional, no início de sua profissão, acha válido o acompanhamento de um profissional com mais tempo de atuação, que irá auxiliá-lo com problemas trazidos por pacientes, ajudando a tirar dúvidas e orientando seus primeiros atendimentos. Conforme foi citado em uma das entrevistas:

“A supervisão profissional se torna o fator mais importante para o psicólogo clínico, pois é uma das coisas que a faculdade não provém.” — (Cereja).

Tavora (2002) discorre sobre a relação entre supervisor e estagiário, uma vez que essa relação tem extrema importância para o diagnóstico do paciente:

"Supervisionar um processo de atendimento psicoterápico tem como objetivo transmitir ensinamentos básicos mas, principalmente, fazer com que cada estagiário olhe para dentro de si, para a relação que estabelece com seu cliente e para o vínculo que desenvolve com seu supervisor. (TAVORA, 2002)

Em relação à supervisão durante a graduação, em estágios, o estudante tem contato com várias abordagens teóricas, e estilos pessoais dos professores-supervisores. O estudo da teoria leva também o aluno a questionar-se sobre sua continuação para atuar como profissional de psicologia.

O estagiário geralmente faz a escolha de seu supervisor de acordo com alguns critérios, tais como a área de atuação preferida e a abordagem teórica de maior identificação. No início do tratamento como terapeuta, os estudantes estão em diferentes estágios de amadurecimento pessoal. Contudo, todos enfrentam as mesmas dores provocadas pelos primeiros contatos com os clientes. Após avançar na prática do atendimento individual, cada estagiário pode ser treinado na condução de grupos terapêuticos.

IV.III VÍNCULO TERAPÊUTICO

Entende-se que vínculo terapêutico é uma relação construída por profissional e cliente, durante as consultas psicoterapêuticas. Este vínculo deve ser estabelecido já no primeiro atendimento, uma vez que ao se demorar neste processo o risco de que o cliente desista se torna maior. Assim, a psicoterapia não pode ser concebida sem considerar o estabelecimento de uma relação interpessoal entre cliente e terapeuta. (ALVES, 2017).

O indivíduo busca a psicoterapia, na maioria das vezes, no intuito de ser escutado e encontrar acolhimento. Para tal finalidade, é necessário designar este vínculo com o mesmo, pois o tratamento só poderá ser iniciado após a conclusão da primeira etapa.

“O primeiro trabalho é o de vínculo terapêutico, deve-se passar segurança ao paciente antes de se iniciar o tratamento” — (Cereja).

Assim como a entrevistada relata acima, há também casos de resistência, isto é, quando o paciente se nega a cooperar com o terapeuta, fazendo com que não se estabeleça relação ou acordo nenhum. Diante deste contexto, o profissional deve considerar e averiguar todas as circunstâncias e empecilhos que impedem a ocorrência do vínculo, para que assim o mesmo desenvolva uma solução rápida e eficaz. Ressaltamos ser de suma importância que o terapeuta respeite o tempo de seus pacientes, conduzindo o atendimento da maneira correta.

Sob essa perspectiva, em uma das entrevistas, é salientado a importância da comunicação com seus pacientes, no quesito do profissional clínico estar atualizado sobre informações atuais, ressaltando os requisitos necessários para a avaliação do tratamento:

“A entrevista de anamnese, entrevista com pais e demais fontes de informação, o brincar com a criança, testes psicológicos para complementar a avaliação psicológica, associação livre.” — (Framboesa.)

O vínculo advém da empatia, o psicólogo clínico ao utilizar esta ferramenta tende a obter mais resultados positivos, pois provém acolhimento e atenção ao paciente,

facilitando a aplicação de testes e conclusões de resultados. Acreditam que, por meio da relação empática, podem ser empregadas intervenções técnicas para auxiliar os pacientes a resolver problemas pessoais e modificar seus pensamentos, sentimentos e comportamentos disfuncionais. (ALVES, 2017)

*“A primeira coisa a se fazer é formar um vínculo com a criança, com jogos de perguntas e respostas que vão desde perguntas simples até as mais complexas. Isto é necessário para compreender e conhecer a criança.”
— (Uva).*

Por este viés, essa relação, quando bem executada, resulta em uma sessão harmônica provendo diversos benefícios para o tratamento.

IV.IV REMUNERAÇÃO DESSA PROFISSÃO NO MERCADO DE TRABALHO

A remuneração da psicologia clínica é bastante comentada, pois é muito flexível, não existe um valor fixo. O psicólogo pode ganhar de R\$2.468,13 até R\$4.002,20 reais. Esse valor é variável pois depende muito do psicólogo, depende da sua graduação, de sua experiência, se ele fez pós-graduação ou não, das suas especializações, das suas técnicas e dos seus estudos. Cada pequeno detalhe conta.

O salário de um recém-formado em psicologia pode ser de R\$2.468,13 reais, porém muitos graduados saem com o diploma na mão não sabendo valorizar sua profissão, colocando o preço das sessões lá embaixo. Sendo assim, o estudante recém-graduado, precisa pesquisar bem onde ele vai atuar, quem vai ser seu público-alvo, para poder aplicar um valor justo que beneficia ele mesmo e o seus clientes.

Nos últimos anos a remuneração da psicologia clínica está ótima, essa área obteve uma maior visibilidade devido à pandemia, pois muitas pessoas viram a importância de cuidar de seu psicológico enquanto estavam confinadas.

*“A profissão tende a crescer, eu a vejo como algo do presente. No momento, está muito boa e no futuro tende a melhorar.”
—Cereja.*

A pandemia foi um momento crítico no mundo todo, a população, em sua maioria, foi afetada, de tal maneira que o índice de problemas psicológicos aumentou demasiadamente, a ansiedade e a depressão sendo os mais predominantes. Isso ocorreu pelo fato de que ninguém esperava por um vírus altamente contagioso, que teria como consequência o isolamento social. Foi algo rápido e inesperado, em vista disso a população não “digeriu” o ocorrido de maneira saudável, pois foi algo repentino e caótico.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, o psicólogo clínico deve saber manejar toda e qualquer situação, seja ela vista como um problema ou não, desenvolvendo uma série de habilidades para lidar com esses obstáculos, estando sujeito a alterações em seus recursos de trabalho, mantendo a ética e visando sempre pelo bem-estar do paciente. Além disso, o terapeuta deve possuir a capacidade de acolhimento e olhar humanizado, no que se refere aos problemas apresentados por seus pacientes, é importante que o vínculo seja estabelecido desde as primeiras consultas, para não ocasionar na desistência do tratamento.

Desta maneira, observou-se que as práticas terapêuticas, aplicadas por profissionais da área, apresentam diversos benefícios. Os mesmos não se limitam ao tratamento objetivo de encontrar a causa do sofrimento do indivíduo, pelo contrário, eles capacitam seus pacientes, para saberem lidar com seus respectivos problemas, estimulando-os ao autoconhecimento. Embora muitas pessoas escolham iniciar um acompanhamento somente quando suspeitam ter alguma doença psicológica, é possível procurar um psicólogo visando outros objetivos, tais como conflitos familiares, problemas com relacionamento, insatisfação no ambiente de trabalho, dúvidas sobre as questões pessoais etc.

Sabendo da importância de tal, foi observado o processo de um profissional clínico em seus atendimentos e em seu dia a dia. Assim pode-se ver a importância que o psicólogo clínico tem de se manter sempre em processo de aprendizagem, como a situação da pandemia, tida como uma problemática, onde o mesmo teve a necessidade de adaptar sua rotina para tal acontecimento, buscando aprender sobre novos meios de tecnologia e similares. Além disso, também observa-se a dificuldade

de precificar o seu trabalho quando se é recém formado. Para tais fins, salientamos a importância de ter a supervisão de um profissional com mais experiência na área de atuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Diana Lopes. *O vínculo terapêutico nas terapias cognitivas*. Bvs: Biblioteca Virtual em Saúde, 2017 . Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org>. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

BEZERRA, Juliana. *O que é Sociologia?*, Toda Matéria. Disponível em : <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-sociologia>. Acesso em: 08 de setembro de 2022

CARVALHO, Juliana Castro Benício de; COSTA, Liana Fortunato. *História de Vida: aspectos teóricos da Psicossociologia clínica*. Pepsic, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.20150004>. Acesso em: 08 de setembro de 2022

DUTRA, Elza. Considerações sobre a psicologia clínica na contemporaneidade. SciELO, Agosto 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200021>. Acesso em: 18 de Agosto de 2022.

LIMA, André Barreto. *O indivíduo em sociedade na análise de Durkheim*. Jus.com.br, 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/54883/o-individuo-em-sociedade-na-analise-de-durkheim>. Acesso em: 08 de setembro de 2022

MOREIRA, Oliveira Jacqueline et al. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2008, v. 27, n. 4, p. (608-621). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000400004> . Acesso em: 1 de setembro de 2022

NERY, Penha Maria; COSTA, Fortunato Liana. *A pesquisa em psicologia clínica: do indivíduo ao grupo*. SciELO, 04 Julho 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000200009>. Acesso em: 25 de Agosto de 2022.

RANGÉ, Pimentel Bernard et al. *História e panorama atual das terapias cognitivas no Brasil*. Rio de Janeiro , v. 3, n. 2, dez. 2007 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>. Acesso em: 04 set. 2022.

RIBEIRO, José Luís Pais; LEAL, Isabel Pereira. *Psicologia clínica da saúde*. ISPA - Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Portugal, p. (1-11), 1996. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle>. Acesso em: 18 de Agosto de 2022.

SILVA, J. V. & CORGOZINHO, J. P. *Atuação do psicólogo, SUAS/CRAS e psicologia social comunitária: possíveis articulações*. *Psicologia & Sociedade*, 23(n. spe.), 12-21. SciELO, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000400003>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

TAVORA, Monica Teles. *Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: A experiência da UFC*. SciELO, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100015>. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

TEIXEIRA, Rita Petrarca. *Repensando a psicologia clínica*. SciELO, 18 de abril de 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1997000100005>. Acesso em: 03 de novembro

	PERGUNTAS REALIZADAS
1	<i>“Como se caracteriza a clientela atendida por você em relação à: faixa etária, gênero, classe social, escolaridade e profissão?”</i>
2	<i>“De que maneira essas pessoas chegam até você (por ex., por iniciativa própria, encaminhadas a você diretamente, encaminhadas à instituição etc.)?”</i>
3	<i>“Houve algum caso em que o adolescente, atendido por você, não quisesse entrar na clínica ou ficasse retraído, mas depois se soltasse?”</i>
4	<i>“O que fazer nesses casos?” (Relacionada à pergunta número 3).</i>
5	<i>“O psicólogo, que atua na clínica, precisa se manter informado em relação a questões atuais para atender as expectativas do público atendido (por ex., músicas, séries, filmes etc.)?”</i>
6	<i>“Já teve algum caso que você não conseguiu seguir adiante, por motivos pessoais, ou outros motivos?”</i>
7	<i>“Se sim, você procurou ajuda de algum outro psicólogo para passar esse determinado caso para ele?” (Relacionada à pergunta número 6).</i>
8	<i>“De acordo com sua abordagem, quais são as técnicas utilizadas pelo psicólogo clínico necessárias para avaliação do tratamento?”</i>
9	<i>“No seu ponto de vista, quais são os requisitos necessários para a formação do psicólogo para a sua área de atuação?”</i>

10	<i>“Seu curso de graduação atendeu a esses requisitos?” (Relacionada à pergunta número 9).</i>
11	<i>“Há dificuldades no âmbito clínico, no que tange a parte de remuneração (para recém formados)?”</i>
12	<i>“Há necessidade de formação posterior à graduação para que se possa trabalhar na sua área de atuação?”</i>
13	<i>“Como foi com você?” (Relacionada à pergunta número 12)</i>
14	<i>“Qual a situação atual do mercado de trabalho na sua área (para recém formados e mais experientes)?”</i>
15	<i>“E no futuro, como será este mercado, na sua opinião?”</i>
16	<i>“Como é seu processo de estudos para se manter informada e adquirir mais experiências?”</i>